



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Políticas cognitivas na pós-graduação: fotografia como estratégia inventiva
<b>Autor</b>	LUANA SCHMITZ
<b>Orientador</b>	VANESSA SOARES MAURENTE

## **Políticas cognitivas na pós-graduação: fotografia como estratégia inventiva**

Luana Schmitz, Vanessa Soares Maurenre  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Este trabalho está vinculado a um projeto intitulado “Fotografia e pesquisa-intervenção: construção de estratégias para a produção inventiva na pós-graduação”, que busca constituir uma estratégia de expressão e compartilhamento de práticas invisibilizadas no atual contexto de produção acadêmica. Entendemos que as atuais formas de avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil objetivam fomentar qualidade e transparência na utilização dos recursos públicos através de indicadores e métricas objetivas, que são fundamentadas em um modelo produtivista, utilitarista e meritocrático. Entretanto, é possível que tais critérios acabem por produzir efeitos de controle, tanto nos pesquisadores em formação quanto no conhecimento produzido, ao valorizar os resultados em detrimento dos processos. A partir da discussão sobre políticas cognitivas proposta por Kastrup (2001), consideramos que este modo de produção acadêmico reproduz uma política recognitiva, na qual a cognição seria o processo de solução de problemas. Em oposição a isto, sustentamos a importância de uma política inventiva na academia, que se caracteriza pela criação de problemas e pela capacidade da cognição de diferir de si mesma. Tomando a pesquisa-intervenção como metodologia, o projeto realizou oficinas de fotografia e entrevistas semi-estruturadas como dispositivos de análise e problematização. Para tanto, solicitamos que estudantes de pós-graduação de cinco diferentes programas contassem sobre sua experiência em relação ao produtivismo e fotografassem aquilo que, do seu trabalho, não era reconhecido pelas políticas de avaliação vigentes. O recorte proposto nesta apresentação busca se aprofundar nas análises das produções de duas mestrands de um dos PPGs participantes. Nas entrevistas semi-estruturadas, ambas as mestrands relataram vivenciar e perceber sofrimento psíquico relacionado ao trabalho acadêmico, bem como competição entre colegas. Mencionaram dificuldades em legitimar suportes e temáticas menos convencionais de pesquisa, como a fotografia e os quadrinhos, que compõem seus campos de estudos. Entretanto, quando convidadas a produzir fotografias no contexto do projeto, uma delas entregou um artigo e um projeto de dissertação junto às imagens, reproduzindo, em sua experiência, o discurso acadêmico hegemônico, no qual a produção verbal deve legitimar a produção estética. Na mesma linha, a segunda participante encaminhou as fotografias perguntando se estava dentro do prazo, que sequer havia sido estipulado. Além disso, demonstrou preocupação com a possibilidade das imagens produzidas não serem o que a coordenadora do projeto “queria”, evidenciando tanto os efeitos de autoridade na relação professora-aluna, quanto uma política recognitiva, baseada na lógica binária do certo e errado. Nas fotografias, as estudantes procuraram trazer para a discussão a dimensão processual dos seus trabalhos, denotando o “fora” de suas pesquisas: momentos de pausas, devaneios, memórias, impasses e até mesmo sonhos. São situações que não encontram lugar no texto acadêmico, marcado menos pelos processos e mais pelos resultados. A fotografia sustenta possibilidades inventivas na medida em que se desloca da racionalidade e do formato acadêmico e atenta para o invisível dos processos. Foi um dispositivo de problematização ao possibilitar torções nas lógicas instituídas, capturando elementos do cotidiano da pesquisadora para produzir novos sentidos e relações.